

priedades rurais preservem 20% da cobertura vegetal nativa, além da vegetação à margem dos rios, as chamadas matas ciliares, e dos topos de morros.

O papel restaurador não caberia só à natureza. A recuperação das matas e dos campos naturais poderia receber ajuda por meio do reflorestamento. Um estudo do Instituto Florestal que resultou na ampliação da Estação Ecológica de Assis, no oeste paulista, mostrou que o plantio de eucalipto auxiliou o ressurgimento da vegetação nativa.

O inventário das espécies usadas na formação artificial de florestas para fornecer madeira às fábricas de papel e de móveis indica que a área de eucalipto se manteve estável (612 mil hectares), enquanto a de *Pinus* diminuiu quase um quinto e hoje ocupa 158 mil hectares – resultado do interesse comercial por árvores de fibras curtas, como o eucalipto, para fabricar papel. Além disso, como indicou outro estudo do Instituto Florestal, desta vez na região de Santana do Parnaíba, existe muita terra coberta apenas por pastagens mal cuidadas, onde já são visíveis os sinais da erosão. “Uma estratégia inicial poderia ser a recuperação desses pontos de mau uso do solo”, sugere Kronka.

Mesmo nesse estado crítico, o pouco que resta da vegetação natural ainda surpreende. O biólogo João Batista Baitello, do Instituto Florestal, percorre há três anos a flora do Parque Estadual Juquery, uma área de quase 2.000 hectares com remanescentes da agora chamada Savana (ex-Cerrado), na região metropolitana de São Paulo, e ainda encontra por lá plantas que se pensava não existirem mais. Das cerca de 250 espécies que ele próprio catalogou, seis eram consideradas presumivelmente extintas e quatro com sério risco de extinção no resto do país. É o caso da *Camarea hirsuta*, com suas pétalas redondas e amareladas, da *Pasiflora clathrata*, uma planta aparentada do maracujá com flores violeta, escondida entre os arbustos, e de uma espécie com uma flor esbranquiçada, a *Alophia sellowiana*, cujas pétalas só se abrem à noite. “De outubro a novembro”, diz Baitello, “a incrível diversidade de formas, cores e tamanhos de flores faz com que o parque pareça um lindo jardim natural, onde as plantas florescem em seqüência, especialmente após as queimadas.”

Savanas e três tipos de floresta

Vegetação do Estado de São Paulo agora segue a terminologia nacional

A medida que se apurava o olhar sobre o que resta de verde em São Paulo, as antigas categorias de vegetação tornaram-se genéricas demais para dar conta de nuances cada vez mais claras. As matas dos arredores de Teodoro Sampaio, nas planícies do extremo oeste do Estado, com um período chuvoso e outro seco bem definidos (as árvores perdem as folhas durante a seca), por exemplo, eram classificadas há dez anos como mata – o mesmo termo era empregado para designar as florestas de Campos do Jordão, a leste do Estado, com árvores como as araucárias que crescem a 1.500 metros de altitude sob chuva contínua ao longo do ano e jamais perdem as folhas por causa da seca.

Para lidar com as diferenças de comportamento, solo, clima e relevo, os pesquisadores atualizaram as categorias de vegetação do Estado de São Paulo, adotando a terminologia do projeto

Radam-Brasil, gigantesco mapeamento do território nacional feito nos anos 70 por meio de aviões, helicópteros e equipes terrestres. A região Sudeste havia ficado de fora do padrão proposto, já que a prioridade era conhecer e mapear o interior da Amazônia (Radam quer dizer Radar da Amazônia) e do Nordeste.

Convertida à terminologia do Radam, as matas e as capoeiras – trechos de mata natural em regeneração – desdobraram-se em três tipos de vegetação: Floresta Ombrófila Densa, próxima ao litoral; Floresta Ombrófila Mista, em áreas altas como Campos de Jordão; e Floresta Estacional Semidecidual, com períodos chuvosos e secos bem definidos, como em Teodoro Sampaio (ombrófila quer dizer “que gosta de chuva”, em grego). O termo Cerrado, de uso regional, foi substituído por Savana, adotado internacionalmente para designar a vegetação formada por árvores tortuosas que crescem sobre solos pobres e ácidos.

OS PROJETOS

Unidades Fisionômico-Ecológicas Associadas aos Remanescentes da Cobertura Vegetal Natural do Estado de São Paulo

MODALIDADE
Projeto do Biota-FAPESP

COORDENADOR
JOÃO BATISTA BAITELLO –
Instituto Florestal

INVESTIMENTO
R\$ 127.875,00

Caracterização e Quantificação da Matéria-Prima Florestal (Pinus e Eucalipto) no Estado de São Paulo

MODALIDADE
Políticas Públicas

COORDENADOR
FRANCISCO JOSÉ DO NASCIMENTO
KRONKA – Instituto Florestal

INVESTIMENTO
R\$ 218.476,00



Área de contato na fazenda Barreiro Rico: cerrado cercado pela mata estacional semidecidual

“Cerrado, em inglês, corresponderia a uma vegetação mais fechada, como o cerradão”, observa Baitello. “Temos agora um padrão mais universal, quase o nome científico de cada tipo de vegetação.”

Agora são cinco as categorias básicas da vegetação paulista:

Floresta Ombrófila Densa - São os trechos de Mata Atlântica encontrados ao longo do litoral, em regiões de temperatura elevada (médias de 25° Celsius) e chuvas intensas e bem distribuídas ao longo do ano, praticamente sem estação seca. Inclui, como ecossistema associado, a restinga, que ocorre ao longo de praias e planícies costeiras.

Floresta Ombrófila Mista - Situada em regiões com altitudes de 1.200 a 1.800 metros, chuvas bem distribuídas ao longo do ano e período seco curto (in-

ferior a 60 dias). Também chamada de mata de araucária ou pinheiral. •

Floresta Estacional Semidecidual - Caracteriza-se por duas estações climáticas, uma chuvosa e outra seca, que condicionam o comportamento das plantas: entre as árvores, de 20 a 50% perdem as folhas durante o período seco (dois a três meses). Abrange os trechos de Mata Atlântica encontrados no interior do Estado de São Paulo.

Savana (Cerrado) - Vegetação adaptada a regiões normalmente planas, com climas secos (um a quatro meses sem chuva) e solos pobres e ácidos. Apresenta-se sob quatro formas distintas: savana típica (*cerrado stricto sensu*), com arbustos e árvores de até 7 metros de altura, caules e galhos tortuosos recobertos por casca espessa; savana florestada (*cerradão*), com árvores de até 12 metros de altura, mais fechada e

densa que a savana típica; savana arborizada (campo cerrado), com predomínio de vegetação herbácea, principalmente gramíneas, e pequenas árvores e arbustos bastante espaçados entre si; e savana gramíneo-lenhosa (campo), constituída por uma vegetação herbácea, sem árvores.

Mangue - Vegetação encontrada em áreas em que as águas do mar e de rios se misturam, adaptada à salinidade elevada e ao solo lodoso.

Os trechos em que esses tipos básicos de vegetação se misturam aparecem no mapa como contatos, também chamados de áreas de tensão ecológica. Há nove contatos – entre Savana e Floresta Ombrófila Mista ou entre Savana e Floresta Estacional Semidecidual, por exemplo –, por sua vez divididos em dois grupos. Quando as espécies realmente se entrelaçam, formam-se os chamados ecótonos, nos quais as características originais de cada tipo de vegetação se perdem. Há também os chamados encaves, nos quais um tipo de vegetação – a Savana, digamos – forma ilhas cercadas por outro tipo – uma Floresta Estacional Semidecidual, por exemplo.

O que fazer com os nomes antigos como Mata Atlântica ou Cerrado? Ainda podem ser usados, claro, embora agora tenham se tornado claramente genéricos. •